

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO

Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH

Escola de Educação

Curso de Pedagogia

Aluna: Aline Pereira de Almeida- 20061351030

## **Bullying Escolar: A brincadeira que não tem graça**

Trabalho apresentado à disciplina  
Monografia II, como requisito de  
avaliação orientada pela Professora  
Dra.Sandra Albernaz de Medeiros

Rio de Janeiro

2010

## **DEDICATÓRIA**

AOS MEUS PAIS. A MINHA IRMÃ  
ALANA E ALEX, PELO APOIO,  
AMOR E CARINHO DE SEMPRE. A  
DEUS, PELA VIDA E BENÇÃO DE  
TÊ-LOS DO MEU LADO.

## **AGRADECIMENTOS**

AOS MEUS PAIS POR TUDO  
QUE FIZERAM POR MIM, A  
MINHA ORIENTADORA PELA  
ATENÇÃO E AO ALEX PELA  
COMPREENSÃO.

Tira suas mãos de mim,  
Eu não pertencço a você,  
Não é me dominando assim,  
Que você vai me entender,  
Eu posso estar sozinho,  
Mas eu sei muito bem aonde estou

(...)

Será só imaginação?  
Será que nada vai acontecer?  
Será que é tudo isso em vão?  
Será que vamos conseguir vencer?

**Será – Renato Russo**

## RESUMO

A escolha deste tema foi a partir de reflexões sobre a violência entre escolares e da inquietação que, desde há muito tempo, vem tomando conta dos diversos segmentos sociais, especialmente daqueles envolvidos no processo educacional, diante dos inúmeros fatos violentos que se fazem presentes na escola. “Essa violência desencadeada de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder” (FANTE, 2005, p.21), conhecida como *bullying*, é um dos temas que dificilmente podem passar despercebidos a um profissional de educação, por tratar-se de um fenômeno social de grande relevância, que se dissemina entre os escolares, cresce e envolve, de forma quase epidêmica, um número cada vez maior de alunos. Esse tipo de comportamento violento não se dá isoladamente em escolas de periferia, porque na verdade ele está presente em todas as escolas, sejam públicas municipais, estaduais ou federais, sejam em particulares, ricas ou pobres, o qual já existia há muito tempo, mas só agora é apresentado de forma conceitual, exemplificada e esclarecida e por possuir características peculiares que podem ser identificadas. Dentre elas, talvez a mais grave seja a sua propriedade de causar sérios danos psicológicos ao psiquismo (se não identificados e tratados), à personalidade, ao caráter e à auto-estima de suas vítimas, manifestando suas seqüelas ao longo de toda vida. Tendo em vista os trágicos acontecimentos ocorridos em diversas partes do mundo, o fenômeno dos massacres em escolas não pode ser encarado como fato isolado. Ao que tudo indica, o autor ou autores das tragédias planejaram seus intentos. Nesse sentido, o Centro Nacional de Avaliação de Ameaças do Serviço dos Estados Unidos concluiu que 17 adolescentes sabiam, antecipadamente, que o massacre em Columbine estava sendo preparado. Segundo esse Centro Nacional, os autores do massacre haviam relatado suas intenções a esses colegas, indicando ainda, os lugares onde deveriam permanecer para terem um melhor ângulo de visão dos acontecimentos. Sendo assim, a violência leva à destruição, é um artefato da cultura e não seu artífice é uma particularidade do viver social, um tipo de “negociação”, que através da força visa encontrar soluções para conflitos que não se deixam resolver por meio do diálogo e pela cooperação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bullying, violência, fenômeno social, intervenção.

Sugiro  
retirar a  
citação  
do  
resumo.  
Não se usa  
citação em  
resumo.

## SUMÁRIO

Introdução .....	07
CAPÍTULO 1 - Fenômeno Bullying .....	10
1.1 – Histórico, Definição e Estatísticas do fenômeno .....	10
1.2 – Protagonistas do Fenômeno .....	16
CAPÍTULO 2 - <sup>Causas</sup> <del>(Determinantes)</del> Comportamento Violento na escola .....	19
2.1- Definições dos termos violência e agressividade .....	19
2.2 - Fatores Externos à escola .....	22
2.3 – Fatores Internos à escola .....	27
Considerações Finais .....	35
Referências Bibliográficas .....	37

Como podemos saber exatamente o que determina? As causas podem ser ou não "determinantes". Sugiro mudar o título "causas" para "O comportamento violento na escola". O título no corpo do trabalho já é outro. Está melhor.

## Introdução

O comportamento violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país. Sabe-se ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores tanto externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, sócio-educacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.

Os objetivos do estudo são os seguintes:

- 1- Discutir sobre a ocorrência do Bullying nas escolas;
- 2- Identificar fatores internos à escola que propiciem o Bullying

As questões investigadas foram assim definidas:

- 1- Por que o Bullying vem se disseminando nas escolas do mundo inteiro e especialmente no Brasil?
- 2- Que fatores internos à escola propiciam a proliferação do Bullying?

*onde* Porém, *meu estudo* ~~rei~~ aprofundar e centrar na instituição escolar, por ser o local freqüente que ocorre este tipo de violência. Para isso, a metodologia é o estudo bibliográfico que ~~colocará~~ o tema *bullying* como assunto principal.

Os fatores externos são decisivos na formação da personalidade do aluno, pela influência que recebe no seu contexto familiar, social e pelos meios de comunicação. Infelizmente, o comportamento violento que um aluno apresenta na escola, *Apesar ter* tem sua origem, dentre outros fatores citados acima, no modelo educativo familiar de acordo com o qual foi criado. Tal modelo caracteriza-se como causador do comportamento violento, devido ao tipo de estimulação a que ele foi exposto desde pequeno, pela forma de convivência predominante em sua família, pela maneira como foi ensinado a obter

será a violência, pois segundo Áurea: “A homogeneização faz desaparecer a coesão do social, esvaziando a sociabilidade de sua força, de sua potência e conduzindo a sobressaltos violentos” (2005, p.11).

Vale ressaltar a diferença entre Agressividade e Violência. Segundo psicólogos, principalmente psicanalistas, defendem a agressividade como impulsos internos e inatos. Seria algo próprio da espécie humana e, portanto impossível de evitar. Ou seja, é uma condição dos seres vivos e sem ela não podemos sobreviver, nos defender ou suportar as dificuldades do viver, assim é citado por Fante: “Segundo os especialistas no assunto, no homem, como nos animais, existe um substrato psicológico que, quando estimulado convenientemente, suscita sentimentos subjetivos de ira, além de mudanças físicas que preparam seu corpo para a luta” (2005, p. 162).

Já o conceito de Violência para alguns autores, é complexo e polissêmico, isto é, apresenta diferentes sentidos e o seu significado se define a partir do seu contexto formador - social, econômico ou cultural de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade. Porém, a Enciclopédia Larousse Cultural define violência como “ato de força, impetuosidade, acometimento, brutalidade, veemência”. Já segundo Fante: “A violência é quando alguém, voluntariamente, usa da força para obrigar uma pessoa ou grupo a agir de forma contrária à sua vontade ou quando alguém é impedido de agir de acordo com a sua própria intenção, ou ainda, quando é privado de um bem” (2005, p. 156).



## Capítulo 1 - Fenômeno Bullying

### 1.1 – Histórico, Definição e Estatísticas do Fenômeno

Neste primeiro capítulo irei exclusivamente falar sobre a fenomenologia do *bullying*, abordando sua definição, sua história ao longo do tempo e a partir de quando passou a ser motivo de preocupação para os países ocidentais e ainda mostrar dados estatísticos sobre esse fenômeno.

Bullying é uma palavra de origem inglesa adotada em muitos países para definir “o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão” (Tatum e Herbert, 1999). É um termo utilizado na literatura psicológica anglo-saxônica, nos estudos sobre o problema da violência escolar. O *bullying* compreende todas as atitudes intencionais, repetitivas e sem motivação, provocado por um ou mais estudantes contra os outros e explicita uma relação desigual de poder, causando dor, angústia e sofrimento para as vítimas. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam e ridicularizam os outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento deste fenômeno.

Em alguns países, existem outros termos para conceituar esses tipos de comportamentos: *Mobbing* é um deles, empregado na Noruega e na Dinamarca; *mobbing*, na Suécia e na Finlândia. Esses termos são utilizados com significados e conotações diferentes. Segundo Fante (2005, p. 27):

“Sua raiz inglesa, *mob*, refere-se a um grupo grande e anônimo de pessoas que geralmente se dedica ao assédio. Quando, porém, uma pessoa atormenta, hostiliza ou molesta uma outra, o termo utilizado para caracterizar esse comportamento é *mobbing*. Mesmo não sendo um termo adequado do ponto de vista lingüístico, *mobbing* é empregado para definir uma situação na qual um indivíduo, sozinho ou em grupo, ridiculariza um outro”.

Na França, denominam *Harcèlement quotidien*, na Itália, de Prepotenza ou *Bullismo*; no Japão, é conhecido como *Yjime*, na Alemanha, como *Agressionen unter schülern*; na Espanha, como *Acoso y amenaza entre escolares*; em Portugal, como *Maus-tratos entre pares*.

Estudos sobre a fenomenologia *bullying* assumiram, nos últimos tempos, proporções internacionais. Entretanto, uma das dificuldades encontradas pela maioria dos pesquisadores é quanto a encontrar termos, em seus idiomas, que correspondam ao sentido da palavra *bullying*. Segundo Cleo Fante:

“Um estudo realizado em 14 países diferentes teve como objetivo identificar palavras nativas que se assemelhassem ao conceito de *bullying*. Desse estudo, baseado em dados coletados em um grupo de alunos de 14 anos, identificaram-se 67 palavras relacionadas aos comportamentos deste fenômeno, sem que nenhuma delas abrangesse o significado do termo inglês” (2005, p. 28).

No Brasil, adotamos o termo que, de maneira geral, é empregado na maioria dos países: *bullying*. *Bully*, enquanto nome, é traduzido como “valentão”, “tirano” e como verbo, “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar”. O desequilíbrio de poder, uma característica do fenômeno, caracteriza-se pelo fato de que a vítima não consegue se defender com facilidade, devido a inúmeros fatores: por ser de menor estatura ou força física; por estar em minoria; por apresentar pouca habilidade de defesa; pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou autores dos ataques.

Essa problemática passou a ser estudada pelo professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen na Noruega (1978 a 1993), onde este pesquisador desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais. Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre os vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa sobre a prevenção do *bullying* foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Foram utilizados questionários para verificar a extensão e as características do problema, bem como para avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas. Procurou-se saber a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores:

“O programa de intervenção proposto por Olweus (1989) constatou que a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de *bullying*. Essa situação originou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50 % os casos de *bullying* nas escolas. Tal fato

incentivou outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal” (Idem, 2005).

Segundo, ainda Fante (2008, p.49):

“A pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 21 países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre a qualidade de vida das crianças e dos adolescentes demonstra que os índices de *bullying* são alarmantes. A maior incidência está em Portugal, na Suíça e na Áustria, que apresentam 40% das vítimas do fenômeno”.

Este fenômeno vem se disseminando entre os escolares, de forma quase epidêmica, um número cada vez maior de alunos, pois grande número desses jovens envolvidos com esse tipo de violência <sup>tem repercussões</sup> ~~tem~~ repercutindo na vida social, no trabalho e causando até mesmo suicídio. Atualmente, o *bullying* é reconhecido como um fenômeno social, que pode surgir em vários contextos, não apenas no infantil como no adulto. É considerado como parte de problemas de relações pessoais em diferentes locais como: trabalho, prisões e também no próprio ambiente familiar. Assim, como o psicólogo clínico e pesquisador do fenômeno, José Augusto Pedra (2005, p. 10), aponta que:

“O fenômeno bullying estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo, em larga escala, cidadãos estressados, deprimidos, com baixa auto-estima, capacidade de auto-aceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de auto-afirmação e de auto-expressão, além de propiciar o desenvolvimento de sintomatologias de estresse, de doenças psicossomáticas, de transtornos mentais e de psicopatologias graves. Tem como agravante interferência drástica no processo de aprendizagem e de socialização, que estende suas conseqüências para o resto da vida, podendo chegar a um desfecho trágico - ao suicídio”.

No Brasil, esse fenômeno ainda é pouco pesquisado e comentado, motivo pelo qual não existem indicadores que nos forneçam uma visão global para que possamos compará-los aos demais países. Porém, encontramos alguns estudos como reflexos dos trabalhos desenvolvidos na Europa, podemos citar as pesquisas desenvolvidas pela professora Marta Canfield e seus colaboradores (1997) em quatro escolas de ensino público, em Santa Maria (RS), usando uma forma adaptada ao questionário de Dan Olweus e as dos professores Israel Figueira e Carlos Neto (2000-2001) em duas escolas

municipais do Rio de Janeiro. Também foi realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA, 2003) uma pesquisa em 11 escolas do município do Rio de Janeiro, contando com a participação de 5.875 alunos de 5º a 8º séries. Os resultados, de acordo com Fante (2005, p. 47), são: “mostraram que 40,5% desses alunos admitiram estar envolvidos em *bullying*. A referida pesquisa revelou que este fenômeno se faz presente em nossas escolas tanto públicas quanto particulares, com índices superiores aos apresentados em países europeus”.

Pode-se considerar o *bullying* como um fenômeno novo, porque vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas, despertando a atenção da sociedade para suas conseqüências, uma vez que se evidencia pela “desigualdade entre iguais”, resultando num processo em que os “valentões” projetam sua agressividade com requintes de perversidade e de forma oculta dentro de um mesmo contexto escolar. Por outro lado, considera-se também como um fenômeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas, onde os “valentões” continuam oprimindo e ameaçando suas vítimas e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais de educação.

No Brasil temos notícias de casos que saíram na mídia, onde esse tipo de violência tenha acarretado conseqüências graves entre estudantes: “Em Fevereiro de 2004, em Remanso, na Bahia, um adolescente de 17 anos, armado com um revólver, matou um colega e a secretária de um curso de informática onde estudou” (Idem, 2005). “Outro caso que ocorreu foi em Janeiro de 2003, em Taiúva, São Paulo, um jovem de 18 anos invadiu a escola onde havia estudado, ferindo oito pessoas e, em seguida, suicidou-se” (Idem, 2005).

Segundo essa mesma autora, em 1999, dois adolescentes, de 17 e 18 anos, provocaram a tragédia de Columbine, em Littleton, Colorado. Com explosivos e armas de fogo assassinaram 12 companheiros, um professor e deixaram dezenas de feridos. Em seguida, suicidaram-se. Em Setembro de 2004, na pequena cidade de Carmen de Patagones, Argentina, após a execução do Hino Nacional, um adolescente de 15 anos, com uma pistola, matou quatro colegas de escola, ferindo gravemente outros cinco. Em estado de choque entregou-se à polícia.

Tendo em vista os trágicos acontecimentos ocorridos em diversas partes do mundo:

“O Fenômeno dos massacres em escolas não podem ser encarados como fato isolado. Ao que tudo indica, os autores das tragédias planejaram minuciosamente seus intentos. Nesse sentido, O Centro Nacional de Avaliação de Ameaças do Serviço Secreto dos Estados Unidos concluiu que 17 adolescentes sabiam, antecipadamente, que o massacre em Columbine estava sendo preparado. Os autores do massacre haviam relatado suas intenções a esses colegas, indicando, inclusive, os lugares onde deveriam permanecer para terem um melhor ângulo de visão desses acontecimentos” (Fante, 2005, p.23).

Além de haver casos com desfechos trágicos como os citados, esse tipo de prática está preocupando por atingir faixas etárias cada vez mais baixas, como as crianças dos primeiros anos de escolarização. Isto nos mostra uma tendência para o aumento desse comportamento com o avanço da idade dos alunos.

Provavelmente, essa e as outras tragédias citadas poderiam ter sido evitadas. Entretanto, já ocorreram e quanto a elas, nada mais se pode fazer a não ser lamentá-las. Espero que tragédias como essas, ocorridas nas escolas e veiculadas nos meios de comunicação, despertem as autoridades, os educadores, os pais, os alunos e a sociedade em geral, a fim de que, conhecendo o fenômeno, possam discutir e refletir sobre ele.

Na maioria das vezes, entretanto, os professores e os outros profissionais de educação não percebem ou desconhecem a agitação presentes no local quando acontecem os ataques às vítimas, assim os próprios alunos ficam entregues a si mesmos para resolver seus conflitos.

Nas explicações de Dan Olweus (1998, p.26):

“se há na classe um aluno que apresenta características psicológicas como ansiedade, insegurança, passividade, timidez, dificuldade de impor-se e de ser agressivo e com freqüência se mostra fisicamente indefeso, do tipo bode expiatório, ele logo será descoberto pelo agressor”.

Esse tipo de aluno representa o elo frágil da cadeia, uma vez que o agressor sabe que ele não vai revidar se atacado e que ninguém o protegerá dos ataques que receber. Ainda, segundo esse mesmo autor, não há dúvida de que a maioria dos casos de bullying

acontece no interior da escola. Entretanto, é necessário distinguir os maus tratos ocasionais e não graves daqueles habituais e graves.

Os comportamentos *bullying* podem ocorrer de duas formas: direta e indireta. A primeira inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de forma pejorativa, insultar), já a segunda acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social. As meninas fazem *bullying* na base dos mexericos e intrigas, enquanto os meninos tendem a utilizar a força física para firmarem seu poder sobre os demais.

Pesquisas sobre o fenômeno, ao redor do mundo, apontam para o crescimento do problema, de acordo com Silva (2010, p. 112): “Estima-se que de 5 % a 35% das crianças em idade escolar estejam envolvidas em condutas violentas no ambiente escolar. Neste quadro estatístico, incluem-se tanto os jovens vítimas de violência quanto os próprios agressores”.

A maioria das violências, de acordo com a ABRAPIA (2010, p. 113) ocorre no território escolar, especialmente nas salas de aula (60,2%), durante o recreio (16,1%) e no portão das escolas (15,9%), então os professores e as demais autoridades da instituição educacional estão falhando na identificação do problema. Isso pode ocorrer por desconhecimento ou por negação do fenômeno.

O *bullying* ocorre em todas as escolas, independentemente de sua tradição, localização ou poder aquisitivo dos alunos. Assim, não se pode esquecer que este fenômeno é de mão dupla, ou seja, ocorre de dentro para fora da escola e vice-versa. Em função disso, muitas tragédias que acontecem nas imediações das escolas, ou em outros lugares, como shoppings, ruas, festas e danceterias foram motivadas e iniciadas dentro do ambiente escolar.

## 1.2- Protagonistas do Fenômeno

Estudiosos dos comportamentos *bullying* identificam e classificam os tipos de papéis desempenhados entre os envolvidos no fenômeno, que são:

- Vítima Típica

As vítimas típicas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização e que não conseguem reagir aos comportamentos dos provocadores. Suas características mais comuns são: aspecto físico mais frágil ou apresentam alguma “marca” que as destaca dos outros alunos: são gordinhas ou magras demais, altas ou baixas demais, usam óculos, são deficientes físicos, apresentam orelhas ou nariz um pouco mais destacados, especialmente no caso dos meninos, apresentam extrema sensibilidade, timidez, passividade, ansiedade e aspectos depressivos. Na maioria dos casos, relaciona-se melhor com adultos do que com seus companheiros.

- Vítima Provocadora

As vítimas denominadas de provocadoras são aquelas capazes de provocar e atrair reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência. Nesse grupo geralmente encontramos as crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos e /ou imaturos, que criam um ambiente tenso na escola.

- Vítima Agressora

A vítima agressora é aquela que reproduz os maus-tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima, ainda mais frágil e vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas. Essa tendência faz com que o *bullying* se transforme em um problema de difícil controle e que ganha proporções de epidemia mundial.

- Agressor

É aquele que vitimiza os mais fracos e que podem ser de ambos os sexos. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas

características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é legitimado através da força física ou de assédio psicológico.

O agressor costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente é membro de família desestruturada em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo e apresenta, ainda, desde muito cedo, aversão às normas, não aceita ser contrariado ou frustrado, geralmente está envolvido em atos de pequenos delitos, como furtos ou roubos.

O agressor pode agir sozinho ou em grupo e este sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe. É considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. O que lhe falta, de forma explícita, é afeto pelos outros. Essa afetividade deficitária (parcial ou total) pode ter origem em lares desestruturados ou no próprio temperamento do jovem. Nesse caso, as manifestações de desrespeito, ausência de culpa e remorso pelos atos cometidos podem ser observadas desde muito cedo (por volta dos 05 a 06 anos).

- Os Espectadores

São aqueles alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores. Representam a maioria dos alunos que convivem com o problema e adotam a lei do silêncio por temerem se transformar em novo alvo para o agressor.

Mesmo não sofrendo as agressões diretamente, muito deles podem se sentir inseguros e incomodados. Alguns espectadores reagem negativamente, uma vez que seu direito de aprender em um ambiente seguro e solidário foi violado, o que pode influenciar sua capacidade e progresso acadêmico e social. Podem-se dividir os espectadores em três grupos diferentes:

1. Espectadores Passivos –

Em geral, estes assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima. Recebem ameaças explícitas ou veladas. Eles não concordam e até repelem as



atitudes dos bullies (praticantes do *bullying*), no entanto ficam de mãos atadas para tomar qualquer atitude em defesa das vítimas.

### 2. Espectadores Ativos –

Estão inclusos nesse grupo os alunos que, apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam “apoio moral” aos agressores, com risadas e palavras de incentivo. Não se envolvem diretamente, mas isso não significa, em absoluto, que deixam de se divertir com o que vêem.

### 3. Espectadores Neutros –

Dentre eles, podemos perceber os alunos que, por uma questão sociocultural (advindos de lares desestruturados ou de comunidade em que a violência faz parte do cotidiano), não demonstram sensibilidade pelas situações de *bullying* que presenciam.

Seja como for, os espectadores, em sua grande maioria, se omitem em face dos ataques. A omissão também se configura em uma ação imoral e /ou criminosa. Essa omissão só faz alimentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica.

## Capítulo 2 – Elementos para entender o Comportamento Violento na escola

### 2.1 – Definições dos termos violência e agressividade

Para entendermos as causas determinantes do comportamento violento, é imprescindível conceituar os termos violência e agressividade. Segundo alguns autores, o termo violência é polissêmico, isto é, apresenta diferentes sentidos e o seu significado a partir do seu contexto formador – social, econômico ou cultural de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade. Porém, a Enciclopédia Larousse Cultural define violência como “ato de força, impetuosidade, acometimento, brutalidade, veemência”. Já segundo Fante: “A violência é quando alguém, voluntariamente, usa da força para obrigar uma pessoa ou grupo a agir de forma contrária á sua vontade, ou quando alguém é impedido de agir de acordo com a sua própria intenção, ou ainda, quando é privado de um bem” (2005, p. 156). Sendo assim, a violência leva a destruição, pois de acordo com Jurandir Freire Costa: “É um artefato da cultura e não seu artífice” (Idem, 2005).

Segundo psicólogos, principalmente, psicanalistas, defendem a agressividade como impulsos internos e inatos. Seria algo próprio da espécie humana e, portanto impossível de evitar. Ou seja, é uma condição dos seres vivos e sem ela não podemos sobreviver, nos defender ou suportar as dificuldades do viver, assim é citado por Fante: “Segundo os especialistas no assunto, no homem, como nos animais, existe um substrato psicológico que, quando estimulado convenientemente, suscita sentimentos subjetivos de ira, além de mudanças físicas que preparam seu corpo para a luta” (2005, p. 162). Esse mecanismo desenvolve-se facilmente e, como outras respostas emocionais, é estereotipado de forma quase mecânica e repetitiva. Estudos neuropsicológicos descrevem que são inúmeras as mudanças fisiológicas que uma pessoa sofre quando desenvolve a ira: desde o aumento de pulsações da pressão arterial até a elevação do nível de glicose no sangue, aceleração da respiração e contração e tensão dos músculos.

Irei considerar que o comportamento agressivo surge como resultado de uma elaboração afetivo-cognitiva, fruto das experiências vivenciadas pelo indivíduo, que se torna motivadora de processos inconscientes capazes de atribuição de valores e ressignificação de conteúdos à realidade, originando condutas e sentimentos de ira, que, uma vez estimulados, alimentam e sustentam a conduta agressiva, fugindo muitas vezes ao controle voluntário do indivíduo, por ter sido condicionado a utilizá-la como forma de resolução de conflitos.

O comportamento violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país. Sabe-se ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, sócio-educacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.

Os fatores externos são decisivos na formação da personalidade do aluno, pela influência que recebe no seu contexto familiar, social e pelos meios de comunicação. Infelizmente, o comportamento violento que um aluno apresenta na escola, tem sua origem, dentre outros fatores citados acima, no modelo educativo familiar de acordo com o qual foi criado. Tal modelo caracteriza-se como causador do comportamento violento, devido ao tipo de estimulação a que ele foi exposto desde pequeno, pela forma de convivência predominante em sua família, pela maneira como foi ensinado a obter prazer e satisfação dos seus desejos, conforme a qualidade da carga emocional desprendida pelos progenitores nos vários momentos em que ele sofreu correção, pelos tipos de olhar, expressão fisionômica e postura corporal de intimidação utilizado quando ele foi confrontado com desaprovação por suas atitudes, pelos castigos físicos, desferidos com raiva, por aqueles que deveriam amá-lo e como citado por Áurea: "(...) por meio de comparações e xingamentos e descaso com que foi tratado quando procurou se expressar perante os pais, em algum momento considerado por eles" inconveniente" por estarem ocupados, enfim, pela maneira como aprendeu a lidar consigo mesmo e com suas emoções" (2005, p. 10).

Quanto aos fatores internos, pode-se classificá-los em três categorias: o clima escolar, as relações interpessoais e as características individuais de cada membro da

comunidade escolar. A escola tem como objetivo a socialização centrada no princípio de equidade, o que significa dizer que todos têm os mesmos direitos. Seu propósito é igualar as discrepâncias e diferenças existentes na sociedade. Entretanto, esse objetivo que deveria ser atingido na escola, acaba não sendo alcançado, uma vez que se confunde equidade com homogeneidade. Os alunos acabam sendo tratados como se fossem iguais, sem que se levem em conta suas características e necessidades individuais, bem como suas diferenças pessoais. Segundo Áurea Guimarães, professora de Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Estadual de Campinas, afirma que:

“a escola, enquanto espaço de violência e indisciplina, caminha por um movimento ambíguo: de um lado, as ações que objetivam o cumprimento das leis e das normas estabelecidas e de outro a dinâmica relacional entre seus componentes internos, que “estabelecem” interações, rupturas e permitem a troca de idéias, palavras e sentimentos, numa fusão provisória e conflituosa” (2005, p.25).

Assim, a dominação e a supremacia do individual têm como resultado o controle do indivíduo por si mesmo que, através do processo educacional, aprende a regular a sua vida pulsional. A adaptação a normas e padrões sociais cria o hábito de recalcar emoções, impulsos, imaginação. Quanto maior for o alcance da uniformização, maior será a violência, pois segundo **ÁUREA**: “A homogeneização faz desaparecer a coesão do social, esvaziando a sociabilidade de sua força, de sua potência e conduzindo a sobressaltos violentos” (2005, p.11).

nd é caica alk.

Repetida  
ms  
MF.23

Idem

## 2.2 - Fatores Externos à Escola

Contexto social – Os grandes problemas da sociedade atual, como a pobreza e o desemprego, responsáveis pela desigualdade social, favorecem um ambiente de agressividade, delinquências e atitudes anti-sociais. Ela está expressa no quadro da miséria, na má distribuição de renda, nos baixos salários, na exploração dos trabalhadores, na falta de condições mínimas para uma vida digna - (alimentação, moradia e saneamento), na precária assistência em educação e saúde. A própria estrutura social que tem princípios competitivos, que propiciam comportamentos violentos e que acaba gerando o individualismo e a dificuldade de empatia e de acordo, com FANTE (2008, p. 100): “A alta competitividade, acaba gerando a crise ou ausência de modelos educativos baseados em valores humanos, capazes de alicerçar a vida do indivíduo”.

Para alguns pesquisadores, a causa da violência decorre do desemprego, que causa a exclusão do ser humano em todos os níveis sociais. A exclusão social, principalmente a da infância e da juventude, é uma das causas que fazem com que prolifere a violência, pois ao serem excluídos, os jovens não encontram alternativas senão a da violência. Para outros, o crescimento da violência também está associado à crise econômica, como FANTE (2005, p. 170) coloca: “a crise econômica substitui as oportunidades legais de trabalho pelas ilegais, como o tráfico de drogas e de armas”.

Meios de Comunicação – A influência dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas vem crescendo na modernidade. Namoros e relações sexuais virtuais, canais exclusivos para diferentes opções sexuais, computadores, videogames, etc. Para Sanches Moro, citado por Fernández (1999, p. 123): “O virtual torna-se cada vez mais real, não somente no mundo interno, mas no mundo imaginário”. A televisão interfere prejudicialmente no comportamento da criança e do adolescente, pois existe uma grande relação entre a televisão e a construção da identidade e do comportamento não só dos adolescentes, mas de toda a sociedade.

São veiculadas idéias violentas e destrutivas nos filmes, nos jogos de videogames e de computadores, em que a violência é vista como algo imediato e freqüente. Os mais violentos têm a capacidade de ganhar. As crianças e jovens tendem a

ver a violência como estratégias de resolução de problemas, desconsiderando o diálogo como recurso eficaz.

A preocupação com os efeitos causados pela mídia e pelo erotismo em crianças e adolescentes é mundial, assim FANTE (2005, p. 173) coloca que: “Nos Estados Unidos, estudos constataram que um grande número de jovens se mostra cada vez mais insensível à violência, à dor, ao sofrimento e aos danos físicos e morais causados ao outro” e “ Algumas propostas estão sendo oferecidas para combater a exibição de cenas de violência e de sexo nos programas televisivos. Foi elaborado um projeto de lei tornando obrigatória a apresentação de programas educativos durante 03 horas por semana”.

De acordo com Leonardo Boff, os problemas globais atuais como os ambientais, a pobreza, a crise de emprego traz conseqüências para as relações entre os humanos e estes últimos precisam de uma “alfabetização ecológica que seria uma nova relação do homem com a produção da natureza, da poesia, com a qualidade de vida, ou seja, de toda corrente da vida da qual somos apenas um elo, uma parte, e não a totalidade” (2004, p.05).

Assim, o futuro do planeta Terra depende de uma decisão política dos seres humanos e para isso precisa-se de uma nova base para as mudanças necessárias. Essa base deve apoiar-se em algo fundamental: na essência do ser humano. E deve ser compreensível e evidente para todos, e imediatamente viável. Para Boff:

“Mais que uma coalizão política, deverá ser uma comoção ética que irá mobilizar os seres humanos para que encontremos um novo padrão de comportamento, novos valores, preocupação e cuidado com nosso futuro, com nossa Terra e seus ecossistemas, com as condições da nossa sobrevivência e a dos demais seres vivos” (2004, p.06).

Essa coalizão de base ética é o objeto de reflexão de Leonardo Boff. Os gregos diziam que o fundamento do ser humano é a racionalidade. Somos animais racionais. Esta é a crença básica do Ocidente, que vem dos fundadores da filosofia, porém para o autor, esta é uma base muito pequena: “sem a racionalidade não conseguimos conduzir nossa vida, é verdade, mas o fundamento último da existência humana não reside na razão. A razão não é

nem o primeiro nem o último momento da existência, e por isso não explica nem abarca tudo” (2004, p. 06).

Para este Leonardo Boff, a razão se abre para algo mais rudimentar, que é a afetividade, captada pelo espírito mediante no qual os humanos sentem parcela e parte de um todo. E aí, já não fazemos o trabalho da razão e sim, contemplamos. A razão, portanto, culmina na contemplação e funda suas raízes no afeto, na afetividade. Assim, a experiência de base não é “penso, logo existo”, mas “sinto, logo existo”.

Para Boff, de acordo com alguns discursos psicanalíticos:

“a base última sobre a qual se sustenta o ser humano é o afeto — ligado à parte do cérebro mais ancestral que temos, o sistema límbico, que surgiu 230 milhões de anos atrás com os mamíferos, sua afetividade, a gestação, a intimidade e o cuidado com a cria. Mediante o neocórtex, surgido há 4 ou 5 milhões de anos, organizamos nossos conceitos, nossas visões de mundo, calculamos nossas estratégias de sobrevivência. Enraizados estamos, no entanto, no cérebro límbico, no afeto” (2004, p. 07).

Portanto, somos essencialmente sentimento e afeto, inteligência emocional, pelo afeto entramos em comunhão com a realidade, a afetando e sendo afetado por ela. E estar no mundo não é estar fisicamente no mundo; é estarmos no conjunto de relações que nos sustentam e que nos entretêm segundo Boff: “é estarmos junto com os outros, abertos à totalidade. E, se esse “estar no mundo” é uma relação sem distância, quase uma *fusion mystique* com a realidade, é porque a sentimos” (2004, p. 07).

E nesse jogo de afeto que construímos nossa racionalidade, nosso projeto de liberdade, nossos projetos históricos. É por meio dessa afetividade que elaboramos nossos valores. O valor é o caráter precioso do ser, aquilo que o torna digno de ser. Nós sentimos, percebemos valores. É por eles que moldamos a vida e somos.

A crise mundial não é política, nem econômica, nem social: a crise mundial para Boff é uma crise de sensibilidade: “porque nós não sentimos os outros como irmãos e irmãs, como seres humanos. Nós os tratamos como objetos” (2004, p.09), pois se sentíssemos, não deixaríamos várias pessoas passando fome e também não existiria o *bullying*.

O cuidado está na dimensão do afeto profundo, sendo para o autor: “uma atitude amorosa para com a vida, protege a vida, quer expandir a vida. E toda vida precisa de cuidado” (2004, p. 08). Cuidado consigo mesmo, com seu corpo, com sua vida, com seu futuro,

com a natureza, com os ecossistemas. Portanto, o cuidado é a dimensão fundamental dos seres humanos. Nós cuidamos de tudo aquilo que amamos, e amamos tudo aquilo de que cuidamos. Hoje, mais do que nunca, precisamos dessa ética ligada à própria vida, pois hoje o mundo está atravessado por uma grande falta de cuidado em todos os aspectos. E a partir disso, a família é o primeiro modelo de socialização, ela deveria constituir um modelo positivo para a criança, uma vez que as primeiras experiências emocionais da criança surgem da relação de afeto com as figuras materna e paterna, que determinarão sua visão de mundo e de si mesma. A partir das primeiras experiências é que ocorrem a introjeção dos modelos de identificação, decisivos no desenvolvimento de seu processo socioeducacional. Porém, quando esses modelos se fixam em aspectos negativos, tornando-se fonte geradora de condutas violentas na escola.

A relação afetiva entre pais e filhos repercute na formação da personalidade da criança. Um bom relacionamento afetivo criará autoconfiança e auto-estima. Por outro lado, um relacionamento marcado pela falta de afetividade e de cuidado e marcada pelos maus-tratos físicos ou verbais influencia o indivíduo em seu desempenho social e na sua adaptação às normas de convivência.

Uma das características mais marcantes de nossos tempos é o aumento das demandas do cotidiano, tanto em relação aos pais como em relação aos filhos. Os pais estão cada vez mais absorvidos pelas atividades profissionais. Já os filhos, vivem às voltas com as atividades escolares e outras tantas.

Diante desse panorama, as relações familiares passaram por profundas transformações e o efeito mais evidente desse fato é o distanciamento entre pais e filhos no dia a dia. É imprescindível que os pais encontrem tempo para uma convivência saudável com seus filhos, estabelecendo um diálogo permanente sobre as suas dúvidas, angústias, suas vidas e expectativas.

De acordo com a autora espanhola Fuensanta Cerezo (2001, p.43): os fatores responsáveis pela maior incidência no desenvolvimento de condutas violentas nas crianças são os relativos às práticas de violência sofridas na primeira infância, especialmente os castigos físicos. Pensa-se que pais violentos formam filhos violentos, porém as influências dos pais são mais complexas e profundas. Não são poucos os pais que incentivam seus filhos a resolverem seus conflitos recorrendo à violência.

O comportamento violento de muitos pais para com os filhos geralmente se expressa pela punição ou violência física (bater, beliscar, empurrar) e pela violência



psicológica (xingar, humilhar, agredir com palavras e caçoar). Entretanto outras formas de violência como o abandono, a negligência e a violência doméstica acarretam conseqüências extremamente perniciosas na vida de uma criança.

Segundo Levisky: “na família existe uma cultura da violência como forma de educação. Essa cultura violenta está estreitamente relacionada à idéia de que os filhos são propriedades dos pais, que têm sobre eles o direito de vida e morte” (1988, p. 123).

Portanto, o modelo educativo familiar será sempre o grande referencial na vida de cada indivíduo. Se for positivo, o indivíduo desenvolverá autocompreensão, auto-aceitação, auto-estima e autoconfiança na vida. Do contrário terá o seu desenvolvimento psicossocial e socioeducacional prejudicado tornando-se um *bullies*.

### 2.3- Fatores Internos à Escola

A escola tem como objetivo a socialização centrada no princípio de equidade, o que significa dizer que todos têm os mesmos direitos. Seu propósito é igualar as discrepâncias e diferenças existentes na sociedade. Entretanto, esse objetivo que deveria ser atingido na escola, acaba não sendo alcançado, uma vez que se confunde equidade com homogeneidade. Os alunos acabam sendo tratados como se fossem iguais, sem que se levem em conta suas características e necessidades individuais, bem como suas diferenças pessoais. Segundo Áurea Guimarães, professora de Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Estadual de Campinas, afirma que:

“a escola, enquanto espaço de violência e indisciplina, caminha por um movimento ambíguo: de um lado, as ações que objetivam o cumprimento das leis e das normas estabelecidas e de outro a dinâmica relacional entre seus componentes internos, que “estabelecem” interações, rupturas e permitem a troca de idéias, palavras e sentimentos, numa fusão provisória e conflituosa”. (2005, p.25).

Assim, a dominação e a supremacia do individual têm como resultado o controle do indivíduo por si mesmo que, através do processo educacional, aprende a regular a sua vida pulsional. A adaptação a normas e padrões sociais cria o hábito de recalcar emoções, impulsos e imaginação. Quanto maior for o alcance da uniformização, maior será a violência, pois segundo Áurea: “A homogeneização faz desaparecer a coesão do social, esvaziando a sociabilidade de sua força, de sua potência e conduzindo a sobressaltos violentos” (2005, p.11).

Devido a esse clima escolar autoritário, cria-se uma profunda sensação de afastamento, de isolamento e de falta de vínculos, que se intensifica ainda mais pelas inúmeras possibilidades de relacionamentos. Em suma, não há nada pior do que se sentir sozinho na multidão, particularmente quando são alunos que lutam contra questões sociais, como o desrespeito e o *bullying*.

Entende-se por vínculo um processo de abertura e aceitação a outra pessoa como um todo, com suas múltiplas versões do eu. O vínculo se refere ao estar junto e também à realização de atividades conjuntas. Este impede o surgimento de sérios problemas

Repetido

especial

o que é?

fechos

de mesmo  
autores?

qual é  
mquina  
de. ?

entre alunos, como as brigas, a competição, o desrespeito e o *bullying*, de acordo com a Beaudoin :

“Os alunos precisam manter um vínculo significativo, com seus colegas e com os professores, que revele seus eus preferidos. O vínculo os ajuda a serem tolerantes uns com os outros, a aceitar a diversidade em sala de aula e a aproveitar o longo tempo que passam na escola” (2006, p. 120).

Estabelecer vínculos não é algo a ser feito como um exercício é uma experiência que leva a um nível mais profundo do que realmente se tem a intenção de chegar e não é algo que segue um roteiro politicamente correto. Assim, o vínculo pode ajudar um aluno a superar uma história problemática e a ter uma visão positiva e uma maior possibilidade de realizar seus sonhos.

Quando os adultos mantêm uma relação hierárquica e por vezes opressiva com os jovens, abrem mão de momentos preciosos de um vínculo verdadeiro e também abrem mão de oportunidades de aprender. As crianças e os adolescentes têm visões incríveis do mundo, sendo que estes enxergam o que os olhos dos adultos foram treinados para ignorar. Os jovens questionam os discursos, as crenças incontestadas que os adultos têm tanta dificuldade de reconhecer e de desconstruir.

Quando os educadores tratam os alunos com integridade, as interações que demonstram respeito transformam-se em experiências vividas de serem reproduzidas. Quando os jovens crescem em um ambiente adultista, eles ficam ressentidos e receosos. Ao chegarem à adolescência, perdem sua própria percepção e opinião. Quando estão acostumados a serem ouvidos, expressam seus pensamentos e opiniões com clareza.

A educação tradicional coloca o professor na posição daquele que detém o conhecimento, ao passo que os alunos são vistos como receptores. Essa atitude traz implicações adultistas, pois se presume, então, que os professores sejam os únicos a deter o conhecimento e que os alunos sejam os receptores passivos. De acordo com BEAUDOIN: “Em uma visão mais dignificante e equilibrada dos jovens, há o reconhecimento de seus conhecimentos e a criação de um espaço para que eles também ajam como professores.

Em um contexto desses, eles se sentem valiosos e respeitados em sua inteligência” (2006, p. 141).

A maioria dos discentes, na atualidade, vive um grande dilema devido à distância que existe entre o que se aprende na escola e o que se deveria aprender para viver fora da escola, motivo pelo qual já não sabem distinguir se querem ou não permanecer nela, se vale ou não a pena se iludir com ela. O comportamento e as expectativas dos alunos para com a escola vêm manifestando desencanto e desinteresse, resultado da situação social em que vivem.

De um lado, a escola se preocupa em despejar uma enorme gama de conteúdos com o objetivo de preparar os discentes para a competição do mercado de trabalho, onde só se torna vencedor aquele que for melhor, o mais preparado. Por outro lado, estes percebem que tudo o que lhes é ensinado vai se desmoronando diante da realidade que enfrentam, cotidianamente, fora da escola. Nos jornais, nos noticiários da TV e dentro do próprio contexto familiar deste mundo globalizado, os alunos vêm surgir uma grande massa de excluídos, não só pobres, mas ainda, médicos, engenheiros, professores e muitos outros profissionais.

Diante de todas essas preocupações, aliadas aos inúmeros problemas que enfrentam nossos educandos não se podem duvidar de que a insatisfação, a falta de perspectiva e a desesperança quanto ao futuro resultem em uma enorme confluência de sentimentos, muitas vezes expressos pela violência. Para Levisky :

“A falta de perspectiva que campeia a vida de muitos adolescentes incide em respostas violentas como reação a um estado frustrante e contraditório insuportável. Preparam-se durante anos para encontrar um caminho na vida adulta, para respeitar e preservar uma série de valores, mas deparam-se com elevadas doses de desesperança” (1998, p. 132).

A angústia, o desinteresse e o desencanto que muitos alunos manifestam como repúdio ao sistema escolar, uma vez que não conseguem vislumbrar outro meio legal de ascender socialmente, colaboram para que percam o sentido da própria vida. Associado a inúmeras variáveis, esse conglomerado de sentimentos pode resultar em ansiedade, estresse, depressão, violência, entre outros, manifestadas muitas vezes pelo *bullying*.

Inúmeros fatores colaboram para o desenvolvimento de um ambiente escolar saudável, em que a convivência entre seus membros seja amistosa e acolhedora. A adaptação do aluno à escola depende, fundamentalmente do tipo de relacionamento que estabelece com os professores e com os seus iguais. Quando essas relações estabelecem de forma adequada, proporcionam uma visão positiva da escola. Entretanto, quando essas relações não são adequadas, como ocorre com crianças discriminadas ou ignoradas, a escola se transforma em fonte de estresse e inadaptação, resultando em conflitos interpessoais e em diversas formas de violência, comprometendo a qualidade do ensino- aprendizagem.

Dessa forma, o tipo de convivência entre os alunos e entre eles e toda equipe escolar tem grande influência no processo sócio-educacional, pois as experiências marcarão para sempre suas vidas, tanto as prazerosas quanto as desagradáveis. Portanto, se as experiências nas suas relações interpessoais forem prazerosas, ficarão registradas na memória, sendo disponibilizadas cadeias de pensamentos e de sentimentos bons diante de um determinado estímulo, como por exemplo, o aluno rirá, sentirá saudades e se alegrará ao resgatar essas experiências.

Caso essas experiências sejam desagradáveis e traumáticas, também serão registradas na memória, sendo mais facilmente disponibilizadas para serem resgatadas, e a partir daí, promoverem uma nova construção de cadeias de pensamentos que irão ser expressas em emoções desagradáveis e ruins, como por exemplo: o aluno sentirá medo, vergonha, temor e insegurança de que o fato ocorra novamente. De acordo com FANTE:

“Ocorrerá então a ancoragem dos seus pensamentos nos territórios da memória, que já estarão repletos de registros traumáticos, aprisionando a mente a emoções provocadoras de medo, angústia, ansiedade, tensão e conflitos intrapsíquicos, estresse e sensações corporais de fundo psicossomático como sudorese, resfriamento das extremidades, excitação, tremor, taquicardia, tontura, dor de cabeça náuseas, diarreia e falta de ar, além de outros sintomas que poderão transforma-se em doenças ou transtornos mentais (...). Além disso, poderá desenvolver construções de pensamentos autodestrutivos que, com o passar do tempo se transformarão também em registros doentios no psiquismo que acabarão determinando o destino dessa criança”(2005, p. 192).

A escola precisa se preocupar e ensinar a criança, desde pequena, a educar suas emoções, a lidar com seus medos, conflitos, frustrações, dores e perdas e com sua ansiedade e converter tudo isso, a novas formas de relações capazes de produzir empatia e ações proativas que resultem em benefícios sociais. Se as crianças envolvidas no fenômeno *bullying* conseguirem superar seus traumas, recorrendo às suas próprias habilidades de auto-superação, ou ainda, se encontrarem em sua vida professores que sejam capazes de dar-lhes apoio e de ajudá-las a educarem suas emoções e que lhes despertem sentimentos de confiança e de amizade, com certeza estarão empenhadas na construção de uma sociedade sem violência e sem *bullying*.

Ao iniciarem o relacionamento com uma nova turma na escola, tanto o professor como os alunos acabam por criar expectativas e certa ansiedade quanto às suas relações interpessoais. O professor busca desde o primeiro contato com a turma delimitar os critérios de convivência que devem ficar estabelecidos entre ambos. A relação professor- aluno tem uma assimetria de poder, o professor utiliza desta estratégia em sala de aula para afirmar sua autoridade.

Por outro lado, o aluno também quer delimitar quais são os seus critérios, testando o docente para ver até onde pode chegar. Desses primeiros contatos, em que ficam estabelecidos os limites entre ambos, é que surge o relacionamento professor-aluno. Assim, o autor José Melero coloca que:

“Na atualidade, o professor já não é visto como representante de status de poder, mas como uma espécie de funcionário que transmite conhecimentos e que não possui nenhuma autoridade, a não ser aquela proporcionada por sua própria personalidade” (1993, p. 84).

Um dos grandes desafios do professor é o de tentar manter o controle da classe para que não seja visto como incompetente perante a equipe docente e a direção escolar. Um professor experiente sabe, em geral, como manter o controle de sua classe e que o excessivo bulício é sinal de uma classe fora de controle. Alguns professores se preocupam mais em manter suas classes em silêncio e quietas do que estimular os alunos para a aprendizagem.

Ao que tudo indica a relação docente- discente se estabelece pela disputa de poder: de um lado, o docente luta pelo controle de sua turma; de outro, o discente coloca em xeque a competência do docente com o objetivo de mostrar seu poder perante os seus iguais. Dessa forma, inúmeros fatores desfavoráveis influenciam no estabelecimento de um clima favorável na sala de aula.

Segundo J. Vera (1998, p. 198): “A posição do docente é conflituosa, pois ele oscila entre a necessidade de estabelecer um clima de ordem que favoreça o progresso do grupo-classe e o despejo de estabelecer um tratamento cordial. Dessa forma, o papel do professor sempre oscilará entre ser um líder imposto e um líder natural”. Assim, a atual pedagogia considera fundamental o estabelecimento de relações cordiais e mais liberais entre professor- aluno, facilitando o desenvolvimento natural de liderança. O professor deve representar o papel do adulto, impulsionando e motivando os seus alunos o tempo todo. Deve manter o autocontrole e a atitude positiva, respeitando e aceitando os alunos, evitando os confrontos e mantendo o ambiente em cooperação, respeito e amizade. O afeto e a atenção individualizada favorecem a empatia e facilitam o processo ensino-aprendizagem. Esse tipo de relacionamento deve prevalecer em ambas as partes.

Muitos docentes temem que, com estilo educativos mais liberais, possam perder o controle da situação ou necessitam assumir compromissos pessoais nos quais não podem ou não querem se ver implicados. Assim, nesse clima de indecisão, optam por ministrar suas aulas pelo método tradicional, porque resistem a mudar suas formas de trabalhar, descuidam de refletir sobre a aula que irão ministrar, cristalizando posicionamentos que os levam, quase sempre, ao preconceito diante do aluno cujo comportamento foge aos padrões nos quais ele, inconscientemente, se estabeleceu.

Os principais conflitos enfrentados nas relações professor- aluno aparecem devido a inúmeros fatores. Dentre eles, segundo Fante:

“(…) a disrupción, fato que consideramos violento uma vez que afeta não somente os componentes de um grupo-classe, senão diretamente os professores. Termo utilizado na Espanha refere-se ao estado de perturbação e de inquietude do aluno dentro da sala de aula” (2005, p. 200).

A *disrupción*, na linguagem dos professores, se interpreta como um conglomerado de condutas inapropriadas como: falta de cooperação, falta de educação, insolência, desobediência, provocação, hostilidade, ameaças, abuso e impertinência. A *disrupción* também pode ser observada por meio de estratégias verbais, como, exemplo: quando o aluno pede que se explique o já explicado como o objetivo de atrapalhar as aulas, faz perguntas absurdas e interrompe as explicações. Todas essas condutas são estratégias pelas quais os alunos avaliam o professor e dependendo da postura que ele adota, dão prosseguimento ou não às estratégias.

Para o professor, essas atitudes causam um grande desconforto na sala de aula, pois dificultam a comunicação e conseqüentemente, o seu desempenho profissional. Para o aluno, além de prejudicar sua aprendizagem, propicia um clima anti-social que rompe a rotina da vida escolar. Além disso, esse tipo de comportamento provoca atitudes negativas entre os alunos e o professor, o que repercute em relações interpessoais tensas.

Os problemas enfrentados pelos docentes são quase que exclusivamente disciplinares, o que gera uma angústia cada vez maior no profissional. Os problemas disciplinares constituem-se, hoje em tarefa exaustiva para o professor. Sem dúvida, o cansaço demonstrado pelos docentes, ao finalizar o período de aula, se deve à exigência de sua habilidade para manter disciplina do que qualquer outro aspecto de seu trabalho.

Além de problemas da disciplina enfrentados pelos profissionais que atuam em sala de aula, pode-se abordar outros, como: problema de adaptação às diferenças individuais, em razão de grupos heterogêneos, relação pessoal escassa, dificuldade em cumprir as exigências dos programas, necessidade de atendimento particular ao aluno e adaptação a ritmos de aprendizagem diferentes. Segundo o autor Caspari:

“Há ainda, os problemas relacionados com a avaliação: o desafio para fazer com que os alunos alcancem o nível de rendimento necessário, a necessidade de encontrar alguns critérios de avaliação para evitar o fracasso dos alunos e, ao mesmo tempo, alcançar os mínimos estabelecidos nos programas oficiais e a notificação de uma avaliação desfavorável” (1978, p. 34).



Para a maioria dos professores, a necessidade de superar a si mesmos e aos problemas inerentes à sua profissão e de se conscientizarem de que os conflitos são parte integrante de toda profissão que envolve relacionamentos humanos, constitui um grande desafio. Uns conseguem superar todos os inconvenientes profissionais. Outros, não conseguem e acaba ocorrendo o desrespeito, a discriminação, a depreciação diante da classe, a imposição de autoridade através de ameaças, intimidações, são algumas estratégias mais comuns utilizadas por esses professores, o que prejudica o clima escolar, o processo- aprendizagem e o bom desenvolvimento das relações interpessoais.

Apesar de todos os problemas que os professores enfrentam, não pode-se esquecer que estes se orgulham de sua profissão, principalmente quando ex-alunos contam que lhes ofereceram e pelo auxílio que lhes dispensamos na superação de suas dificuldades.

## Considerações Finais

Combater a violência para reduzi-la a níveis toleráveis não é tarefa fácil, pois a violência é um fenômeno complexo, com inúmeras causas determinantes e diversos tipos de manifestações, tendo sempre um indivíduo ou grupo de indivíduos prejudicado, pela forma repetitiva com que, consciente ou inconscientemente se expressa e que causam sofrimentos generalizados.

Entretanto, é possível o seu combate desde que haja conscientização, planejamento, investimentos, atitudes de responsabilidades e de compromissos. Essas mudanças não acontecerão num curto espaço de tempo, mas podemos colaborar para a formação de uma nova mentalidade e que as gerações futuras possam usufruí-la.

No ambiente escolar, a violência manifesta-se, sobretudo, como reflexo do modelo educativo familiar, produzindo relações interpessoais abusivas, prejudicando toda a comunidade escolar. Provavelmente, o aluno que vitimiza seus companheiros procura inconscientemente encontrar nessa conduta uma maneira de reproduzir os comportamentos violentos introjetados pelos modelos educativos. O aluno violento, assim como aquele que figura como vítima, de igual maneira precisa de cuidados específicos, pois também está adoecido. A educação é o principal veículo para as soluções do *bullying*.

Para alcançar êxito na redução da violência, precisa-se conquistá-la na escola, por ser lá que os primeiros sinais de violência se manifestam entre os alunos. Devido ao seu poder propagador, a escola deve ensinar os alunos a lidarem com suas emoções para que não se envolvam em comportamentos violentos para que se estenda aos seus outros contextos de vida.

As escolas devem se comprometer com um modelo educacional mais humanista, em que ensinem as crianças, nos primeiros anos de escolarização, a se conscientizarem sobre a problemática da violência, a conhecerem suas causas e refletirem sobre ela, a opinarem, a buscarem solucionar seus conflitos e a conviverem pacificamente.

O afeto deve ser mais valorizado nas relações interpessoais e na transmissão do conhecimento, uma vez que favorece o registro daquilo que foi vivido, o que favorece o desenvolvimento da inteligência, a capacidade de auto- expressão e a atitude de primar por cidadania e qualidade de vida.

Para construir uma sociedade em que a violência seja repudiada é necessário que os profissionais de educação sejam e estejam preparados para lidar com as suas emoções e educar as emoções dos alunos, dando lugar para o afeto. Desta forma poderão aprender a lidar com seus próprios conflitos e com os mais diversos tipos de violência, especialmente o *bullying*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUDOIN, Marie-Nathalie. *Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola*/ Marie- Nathalie Beaudoin, Maureen Taylor; tradução Sandra Regina Netz. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar. Ética do Humano – compaixão pela terra*. 9º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CASPARI, I. *El maestro ante alumnos perturbadores*. Buenos Aires, Kapelusz, 1978.

CEREZO, F. Bull-S. *La violència em las aulas; análisis y propuestas de intervención*. Madri, Pirámide, 2001.

FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violència nas escolas e educar para a paz*. 2. Ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. *Bullying escolar: perguntas e respostas*/ Cleo Fante, José Augusto Pedra- Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEVISKY, D. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998.

MELLERO, J.M. *Conflictividad y violència en los centros escolares*. Madri, Siglo XXI, 1993.

SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VERA, J. *La crisis de la función docente*. Valencia, Promolibro, 1998.

Guimarães, Áurea? (Faltou no livro por / r)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH  
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Aline Pereira de Almeida

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Bullying escolar: a brincadeira que nos tem graça

ORIENTADOR(A): \_\_\_\_\_

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: CLAUDIA DE OLIVEIRA FERNANDES

Nota: 8.0

Considerações:

O tema do trabalho é muito relevante para a educação escolar, sendo importante para um formando em Pedagogia. O trabalho está bem estruturado e cumpre as exigências de uma monografia. O capítulo um está bem feito e traz uma revisão interessante sobre o conceito do Bullying.

Há algumas sugestões de revisões no texto, no que tange as ideias apresentadas na introdução, bem como algumas adequações gramaticais.  
Parabéns, Aline.

DATA: 24/11/2010

Assinatura:

Claudia de Oliveira

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador:

Gandra Albernaz de Medeiros

Nota: 9,0

Considerações:

A presente monografia cumpriu muito bem aquilo que se propôs: realizar uma discussão sobre o bullying. O fenômeno tem estado presente nos meios de comunicação e preocupa pais, professores, MEC. Sendo assim, toda contribuição é importante e necessária. Aline foi além da bibliografia nacional e nos ajuda a pensar melhor sobre a questão proposta como objetivo.  
Muito bom trabalho!

Data: 14.12.2010

Assinatura:

Gandra Medeiros

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
8,0	9,0	8,5

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 2010.

Gandra Medeiros

Prof. Orientador